Mirtes Waleska Sulpino



versos expressos

Poesias & etc



Versos Expressos, apresenta-se de forma fascinante e envolvente. É uma viagem literária, onde leitor e leitora embarcam a bordo de cada palavra e penetram na delicadeza da alma.

São versos que reúnem sensualidade e delicadeza, características singular da autora, reveladas em cada poesia.

É um mergulho magnífico de conhecimento do universo literário. É uma obra de destaque, sem sombra de dúvida, na Literatura Brasileira.

Jane Luiz Gomes - Pedagoga e Escritora

RG Editora

EDUFCG

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE



versos expressos

Poesias & etc

Mirtes Waleska Sulpino



versos expressos

Poesias & etc

Versos Expressos
Mirtes Waleska Sulpino
mwaleska19@hotmail.com

Diagramação e Editoração
.:.Mirtes Waleska Sulpino.:.

Revisão
.:.Josinete Oliveira.:.

Capa
.:.Mirtes Waleska Sulpino.:.

Impressão
.:.RG Gráfica e Editora.:.
Rua Manoel de Freitas Ramos, 201
Jardim Paulistano
Campina Grande - PB

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S954v
Sulpino, Mirtes Waleska .
Versos expressos: poesias & etc. / Mirtes Waleska Sulpino.— Campina Grande: EDUFCG, 2008.
54p. : il.
ISBN: 978-85-89674-41-6

1. Literatura Brasileira – Poesias. 2. Poesias brasileiras. III. Título.

CDU – 82-1(81)

| Prefácio

Este livro vem mostrar uma realidade poética em que expõe os mais intensos e efêmeros amores, desejos e paixões. Mexe com o potencial emocional e social dos seres humanos.

Versos Expressos é como um rio nascente, onde as águas se renovam a cada instante. Assim, é essa coletânea, cada página lida é uma renovação do conhecimento literário, isto porque, perpaça a barreira da poesia e penetra no universo dos contos e "*haikais*".

Neste livro, a autora mostra o seu conhecimento literário de uma forma diversificada e poética, prendendo o leitor da primeira a última página, levando-o a uma viagem de sentimentos que ultrapassa os limites do papel penetrando a alma.



Jane Luiz Gomes, autora de "o eu de mim".

Para as minhas filhas, Débora e Rebeca.
E,
"Em memória de um grande amor..."



Agradeço ao "Grande Eu Sou", a oportunidade de realizar este sonho;
À minha família, pelo incentivo;
Aos meus amigos, pelo apoio.



poesias

| Versos Expressos

Palavras ao v *e n t o*
Perdidas no tempo,
Grafadas em papel,
Feito árvore na rocha,
Tocando o céu.

Palavras que m *o v e m*
Nas folhas dos livros,
Por entre epopéias,
Contos de Fadas e
"Era uma vez".

Palavras - imagem,
Leitor - personagem,
Num teatro fantástico,
Escolho quem sou...

Se bruxa, se fada
Bandido ou mocinho.
Recrio a estória,
Onde "Eu Sou" o que sou,
Onde faço e desfaço...

Nesses versos expressos
Vou criando fantasia,
Re-iventando a magia,
- a magia de escrever!



| Fantasia



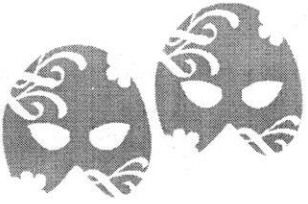
No plágio da minha loucura
Rasguei a fantasia
Vesti-me de Ismália
E Pus-me na torre a chorar,
Deixando a lua pra trás,
Buscando-a no mar.

Mergulhei no oceano
Tão profundo que não vi,
O céu banhado de estrelas
E a noite a cintilar.

Vi pássaros estranhos,
Com escamas e barbatanas
E cavalos a voar.

Era tudo fascinante,
A noite misturava-se ao mar.
Num espanto, eu chorei
Banhada de luar,
Não sei se era lágrima
Ou se era a água do mar.

Só sei que retornei
Notívaga a perambular
Pelas noites vazias
A procura do luar.



Não a vejo mais no céu,
Nem tampouco nesse mar,
Mas sei que ela existe
E um dia, hei de encontrar
A fantasia rasgada,
Sucumbida a naufragar.
Perdida no oceano,
Num oceano, que é teu olhar.

Ausência

Ausência

Solidão de um dia
Que não volta mais
Nas noites vazias
O encontro das mãos
Procura em vão
Aquele à quem me cobria

O amargor dos meus lábios
Calados pela dor,
Silenciado pela indesejada das criaturas,
Não tem mais o brilho de outrora
Meus olhos cerrados, marejados pela dor
Levou-me ao escuro
Do meu eu profundo,
Onde me perdi
Nas lembranças que encontrei



De nós dois
Sendo um
De nós dois
Menos um

Um que partiu
Uma que partiu-se
Em dor, pranto.
Indescritível sentir...

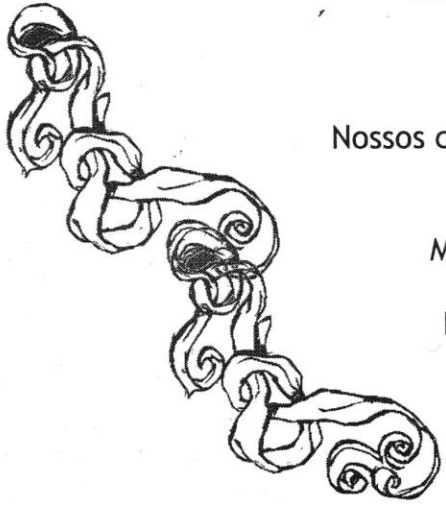
Nós

Somos nós,
Você e Eu.
E essa poesia
Vivida, sentida.

Somos nós,
Você e Eu.
E o nosso olhar
Que se encontra,
Onde ninguém mais possa achar.

Somos nós,
Você e Eu.
E o medo de amar.





Somos nós,
Você e Eu.
Nossos corpos trêmulos,
Quentes afagos,
Bocas beijando,
Mãos se tocando.

E em cada gesto
Meu e Seu,
Apenas
Você
&
Eu...



| tempo

Te amo no tempo,
Te amo no vento,
Nas primaveras da minha vida.

A cada segundo do relógio,
A cada brisa da manhã,
A cada dia da minha existência.

Mesmo que tudo se acabe.
Mesmo que o orvalho resseque.
Mesmo na velhice.

Te amo em todos os tempos,
Em todos os modos.

Amei
Amo
E sempre te Amarei

Ainda que as palavras se acabem,
Os lábios ressequem,
Meus olhos morram.
Nunca deixarei de te amar.
Pois sempre existirá o infinito...

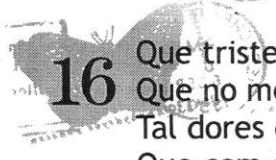
Mirtes Waleska Sulpino

| Te busquei

Te busquei no tempo,
Te achei no vento,
Eras tal deserto,
Oásis perdido, coração sem cor.

Perdi-me no tempo,
A procura do amor,
Outrora esquecido,
Mas no peito doído,
Apenas as marcas,
Esvaídas da dor.

Senti-me sozinha,
Restaram-me cricatrizes,
Que o tempo jamais apagou.



Que triste destino,
Que no meu peito jaz,
Tal dores de parto,
Que com o nascer se vai.

Tenho por destino,
Viver clandestino,
No ermo deserto.
Tal peregrino,
Procurando abrigo,
Procurando paz.

Vivo fugindo,
Do "amor-agonia",
Das noites vazias,
Tristes de amor.

Quem dera pudesse
Viver te amando,
Beijar tua boca, gosto de mel.
Andar em teu corpo,
Encontrar o céu,
Derramar o meu gozo,
No cálice teu,
Beber em teus lábios,
O licor mais puro.

E por fim, embriagar-me
Em teu peito,
Perfumado, suado,
Por mim descoberto,
Tal o deserto,
- Agora, Escarlate.

Poesia participante da Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos, 2. CBJE.
Rio de Janeiro, Setembro de 2003.

Ocaso

Imensidão vazia
Noite escura
Tudo jaz sem você

Mãos frias
Beijos secos
Pés unidos

Flores brancas
Face opaca
Chão profundo

Coração vazio
Peito apertado
Lágrimas
Lágrimas



Partistes não sei para onde.
Fiquei,
Sofri,
Amei.

| Instantes

Com quê sutileza me roubas o sono?
Com quê ternura chamas meu nome?
Com qual sentido me dizes: "te amo"?

Em quais braços procuras o meu?
Em quais bocas procuras minha língua?
Em qual rumo andam teus pés...

Faz tempo que não te vejo,
Mesmo assim, te sinto em mim...



Faz tempo que te procuro,
Faz tempo que foges de mim.

Ainda sinto teus braços,
Tua língua em mim.

Quero te amar como antes.
Mesmo que seja um instante,
Mesmo que fujas de mim...

| Lembranças

[Para F.]

O tempo me chegou
Lembrando o quanto já se passou
Sem você aqui.

Quantas lembranças me vêm
Quando fecho os olhos
Te buscando no infinito.

Quando não te sinto mais em mim,
Quando invades meus pensamentos,
Ao te ver imóvel
No porta-retrato da sala.



Nas lembranças espaças
Nas noites vazias
Nos dias passados
Nas horas sombrias

- Que teimam em não passar...

Poesia participante da Antologia de Poetas Brasileiros Contemporâneos, 32. CBJE.
Rio de Janeiro, Janeiro de 2007.

Bailarina

Quero dançar no ventre
da minha alma profana...
Lançar fora as ondas sonoras
que me faz êxtase ser.

Ser bailarina, Colombina
Estremecer nos teus toques
à dedilhar-me com prazer.

Quero ser uma contigo
Morrer de prazer,
Sufocar o meu grito:
"Hoje eu quero viver!"



Provocante

Serena e calma me chega a noite,
Provocante e insinuante me chega você.

Seu sorriso provoca arrepios em mim
Seus beijos, êxtase sem fim.

Me enlaço em seus braços,
No seu amor.

Despertas a mulher em mim.
Seu toque me eleva,
E assim, revela
Segredos guardados, apenas, para ti.

Nesse instante nem sei mais quem sou.
Apenas aceito o seu mais puro amor.
Aquele perdido, não menos sentido,
Provocante amor.



| Ilusão

Nesse mundo de ilusão
Perdida em pensamentos
É que viajo no tempo,
Aurora da vida,
Saudade perdida
Encanto, paixão.

Espelhos
Refletem em mim,
O brilho da lua,
Aquela que era tua
Não está mais aqui.

Parece que o tempo,
Foi meu amigo,
Apenas o vento foi quem passou.



Meus olhos,
Vigor de outrora,
Vagavam o mundo,
Em viagens noturnas,
Adormecida nos braços teus.

Agora, do sonho acordada
Apenas tua lembrança em mim restou.

Em meu rosto,
Marcas do que vivemos,
Livro aberto, escrito em versos.

| Brisa

Como gostaria de ser essa brisa leve
Que molha teu rosto,
Perfume de rosa, que exala de ti.

Tocar-te mansinho, fazer-te um carinho,
Beber dos teus lábios
O mais puro mel.

Como queria, tocar tua face,
Mergulhar em teus olhos,
Cor de anil, profundos como o mar.



Realizar teus íntimos desejos,
Roubar alguns beijos,
Dizer-te segredos,
Juras de amor sem fim.

| Do querer

Quero alçar vôos altos
Alcançar o céu, abraçar as nuvens,
Cair o véu.

Quero beijar-te a face
Dar-te a mão,
Matar a solidão dos dias meus.

Quero raiar o dia,
Morrer de alegria,
Suspiro teu.



Quero ser uma contigo,
Ao cair da tarde
Romper da aurora.

Sorriso que chora.
Na realidade: "triste solidão".
Lembranças minhas,
Saudades tuas.

| Paixão

Como podes contemplar
A infinita pureza dos dias cálidos,
Enquanto provocas paixões avassaladoras,
Sem chance alguma de defesa
Para o alvo do teu amor-*flecha*?

Como dirias que tens sentimentos
Se despertas desejos inefáveis em seres angelicais,
Que te buscam, mas nunca te acham.



Que prazer há em provocar
Amor sem prová-lo?
Ao menos para saber do seu gosto amaro,
Que desce suave aos corações dos que amam.

| A alma de todos nós

A alma de todos nós
É a mão de Deus estendida,
É o colo da mãe sofrida,
Chorando o filho que jaz.

A alma de todos nós
É acalanto e doçura,
É paz e candura,
É forte e perspicaz.

A alma de todos nós,
Poder ser eu, pode ser você.
Pode ser aquele que aceitou ao Pai.

A alma de todos nós
Tem uma voz uníssona,
Clamando por paz.



A alma de todos nós
É mister em sabedoria,
Em desvendar mistérios,
Saber ouvir e calar.

A alma de todos nós
Sou eu.
É você.
E quem mais entender:
O que é sacrifício
O que é se doar...

Brincadeiras no Papel

Brinco com caneta e papel
Escrevo versos,
Versos caídos do céu
Feito piruetas mágicas,
Formando rimas e cores.

Se brinco, escrevo feito criança,
Criança correndo na relva,
Jogando bola, soltando pipa.
Se escrevo, brinco de ser poetisa,
Escrevo rimas e versos,
Olhando de cima das árvores,
Feito criança sapeca...

Uso a caneta feito varinha mágica
Àquelas dos contos de fadas
Que nunca enfadam a vida da gente.

Uso o papel feito espelho
Onde reflete os pensamentos meus,
Onde ainda sou criança,
Rimando sonhos e esperança
Música e melodia.

Escrevo sobre vida, amor e saudade.
Tais brincadeiras guardadas na infância,
"Pique-esconde", e tantas mais...

Rimo cores, amores e flores.
Brinco nos jardins e quintais.
Rimo beijo, queijo e o que vejo,
Por entre as folhas dos coqueirais.

E assim, por entre rimas e versos,
Brincadeiras e papel,
Vou escrevendo e desenhando,
O que eu chamo de meu,
- Meu pedaço de céu...





Lixo sem nexo
Anexo
Do resto
Da falta
Do que
Sobrou

Mundo
Submundo
Esgoto
Do caos
Do imenso calor

Lixo
Profano
Exalando
O cheiro da dor

Lixo
Que voa
E ao mundo
Ecoa o seu furor

Da falta
De tudo
Que é ser homem
Do medo
De nada se tornar

Fugindo
Do monte
Da terra batida
Pelos calos
Do labor

Em vozes
Supridas
Catando as feridas
O homem
se "*lixificou*"

| homem **BICHO**

Você,
Que atravessou abismos
E ultrapassou os muros da ingratidão.

Que vive à margem,
Esqueceu sua imagem,
Sua origem,
Seu Senhor.

Saído de um Todo,
Vivendo no nada,
Apenas as marcas
Do caos que restou.

Feto e fruto.
Homem formado.
Criatura,
Nunca Criador.



Vive nas cinzas,
Catando sobrevivência,
Esquecendo a decência,
Que a ocasião lhe roubou.

Sobrevive dos restos
Do que um dia almejou...

Porém muito cedo,
Habitou os lixões,
Esvaziou os pulmões,
Do sopro do Criador.



"entrelinhas"

//
//////////////////////////////
//////////////////////////
//////////////////////
//////////////////

“

Inverno de um dia
ávido de amor
Em que lágrimas esfriam
A face rubra do carinho teu

”



“

Viro do avesso
Mostro quem sou,
Disfarço e me enlaço
Nas correntezas do amor.
Sou vento, sou águia.
Sou pureza, sou flor.
Pouso em teus lábios,
Me perco, beija-flor.

”



“

Viro do avesso
Mostro quem sou,
Disfarço e me enlaço
Nas correntezas do amor.
Sou vento, sou águia.
Sou pureza, sou flor.
Pouso em teus lábios,
Me perco, beija-flor.

”

Angélica

"Mulher confesso ser
anjo quebrantado
em céu plúmbeo
do Deus Amado.

Angélica sou,
Tal como é
a mais bela flor
dos Campos do
senhor."

Cálice

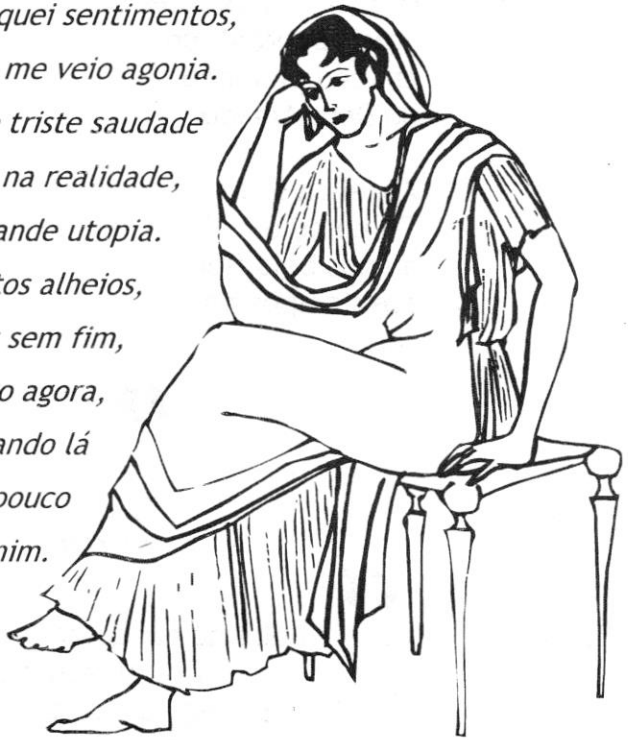


"Bebe no cálice do meu ventre,
Oh, amado meu.
Sofrega um suspiro cálido,
pois és Senhor de mim.

- Agora, escrava sou,
Desse prazer.
Jamais,
amor
....."

“

Viajei no tempo,
Busquei sentimentos,
Só me veio agonia.
Que triste saudade
Que na realidade,
É uma grande utopia.
Sentimentos alheios,
Viagens sem fim,
Agonizo agora,
Buscando lá
fora um pouco
de mim.



”



Crer

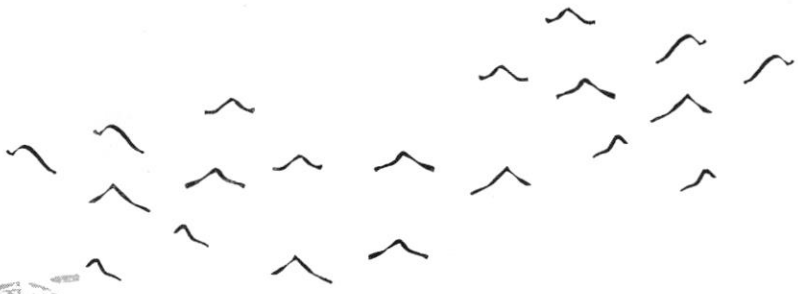


“

Creio no amor que aquece,
No amor que enaltece,
O semblante esquecido.
Creio na Vênus de Milo,
Braços perdidos,
Lembranças esparsas.

”

“Mar bravio que me afoga, é você.
Em devaneio sou teu querer,
Me desafio a te amar,
fico sem rumo a te buscar.”





“Sonhos turvos,
pensamentos reais,
navegam n´alma
buscando o cais.
Estou à deriva,
nesse mar de ilusão,
quero apenas um dia,
pra matar solidão.”

“

Corações sangrentos,
Provenientes de paixões mortais.

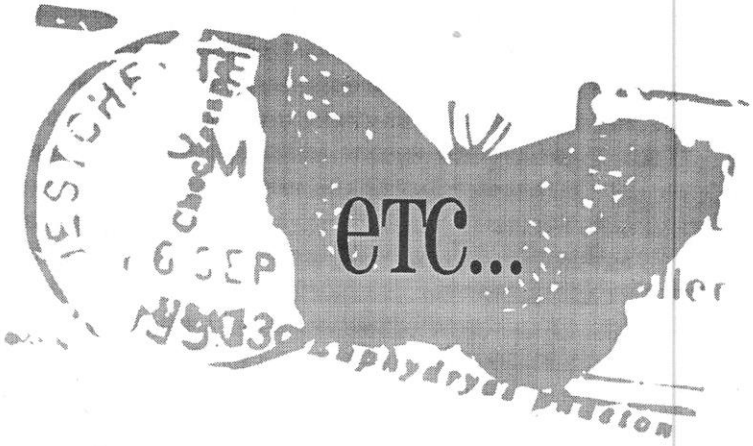
Sangram a vida, calando a voz.
Tudo fere, tudo corrói.
Tudo é morte, tudo se destrói.

O coração pulsa pedindo anelo,
Pedindo paz.

Não vendo que o amor agora jaz.

”




etc...

.....

Hoje estou decidida a amar

Hoje, estou decidida a amar. Isso mesmo, decidida. Amar é uma decisão, não para os mais jovens que confundem amor com paixão, atração, tesão. Enfim... No amor as pessoas se encontram, se completam, tornam-se um. Por isso, o ato de amar, pelo menos para mim, é uma decisão, um processo adquirido no decorrer da convivência, "ama-se ao passar do tempo, e com o tempo se aprende a amar". O mesmo tempo que ensina a amar, ensina a cultivar o amor, a permanecer ou não ao lado de alguém.

Para amar é preciso ceder, aceitar o outro, mesmo conhecendo os seus defeitos. Para amar é preciso saber olhar em direções opostas, mas sempre querendo chegar ao mesmo lugar, porque cada ser é diferente, porém complementares. Para amar é preciso saber se entregar sem pedir nada em troca. Para amar, é preciso saber chorar e estender a mão quando tudo parece difícil, quando tudo parece ruir. Para amar é preciso admirar o outro e querer sempre o seu melhor. Para amar é preciso entender um gesto, um olhar, um sorriso, uma lágrima, porque amar é mais do que palavras, são ações e atitudes. São momentos únicos, onde muitas vezes, as palavras não cabem. Para amar é preciso, além de um coração, que haja o toque das mãos, a troca de olhar. É preciso desejo, atração, beijos e excitação.

Decisão. Palavra chave no amor e na vida, pois na morte resta apenas a aceitação e o cruzar das mãos.

"A maior riqueza do homem é a sua incompletude. Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou eu não aceito. Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai! Mas eu preciso ser Outros. Eu penso renovar o homem usando borboletas".
(Biografia do orvalho | Manoel de Barros)

| Completude

Reli esse texto algumas vezes e me entreguei a esses versos tentando encontrar outra parte de mim, ou senão, eu mesma. É engraçado como ao passar do tempo esquecemos de sermos nós mesmos... Passamos grande parte de nossas vidas agindo mecanicamente, de modo convencional, seguindo regras e normas. Nada há ousar, apenas lugares comuns.

Assim, a vida passa tão de repente que quando nos damos conta as nossas asas já estão quebrantadas. Resta apenas sonhar!

Porém, não há nada pior, tão doído quanto sonhar acordado. Melancolia. Nostalgia. Angústia. Fica aquele nó indegustável preso na garganta, gosto insosso de vida. História que já se sabe o fim.

Façamos uso do nosso livre arbítrio! Escolhamos sem compromisso, vivamos como a fugacidade intensa do bater das asas de uma borboleta, pois a vida passa e o tempo é cruel, inimigo da pele e dos cabelos, mas não das lembranças.

Vivamos com sabedoria, sabendo dizer sim ou não na hora certa, sem nunca arrepender-se, pois como diz o grandioso Fernando Pessoa: "Para ser grande, sê inteiro, nada teu exagera ou exclui"...

Então, seja inteiro! Nas palavras, nos gestos, nas escolhas, nos amores, nas alegrias, nas lembranças, na vida e no corpo de alguém, sem exagerar nem excluir, apenas se entregando...

E mais ainda, vivamos no Imperativo, porque o passado, esse, já morreu!

Retrato

O relógio ainda marca a mesma hora do dia em que parei. Meus olhos rodeiam o quarto procurando antigos retratos. Um pouco de mim, um pouco de ti. A janela entreaberta revela o velho porta-retrato com a fotografia da minha juventude. Eis que não sou o que outrora fui.

Ergo minha mão, vejo apenas dedos sem o carmim de antes, braços e mãos enrugadas, demonstrando a ação do tempo.

Meu pensamento viaja, percorrendo o arquivo da memória me fazendo chegar ao passado.

Por um instante, sou aquela da foto, o mesmo viço, o mesmo sorriso, o mesmo amor, com outro futuro que jamais pensei. Penso que na juventude não há lugar para dissabores, tormentos, e o amanhã é sempre bem-vindo. A audácia é mais forte que o medo. Apenas paixão, desejos, prazeres, cores, sorrisos, abraços e a ânsia de ver tudo realizado ao mesmo tempo.

Meus olhos fechados, rebuscam lembranças que o tempo, felizmente, não conseguiu arrancar de minha mente, muito menos do meu coração. Em meio a tantos pensamentos, lembro do dia em que o destino me fez parar e me condenou à prisão dos sentidos...

Ajeito-me enquanto clicas várias vezes, faço poses, caras e bocas, enquanto pacientemente sorris. Estamos em um parque onde tudo transpira serenidade, um estímulo aos nossos corações. Grama verde, grandes árvores, um grande lago refletindo o sol, em um dia felizmente azul. Realmente estou feliz!

O sol aguarda a noite e, logo, a lua vem reinar soberana sobre nós. Realmente estamos felizes! Beijamos. Juramos. Amamos.

É noite. Partimos...

...Há tempos vivo nessa escuridão, imóvel. Desde o dia em que meus sonhos foram arrancados a *cento e oitenta por hora.*

E hoje estou aqui. Apenas os olhos rebuscam àquele passado.

Enquanto inerte, presa aos lençóis, choro e lembro que eu era feliz!

Conto participante da Antologia de Contos de Autores Contemporâneos, 4. CBJE.
Rio de Janeiro, Janeiro de 2005.

| Reencontro

"O canto dos pássaros me fez voltar ao lugar, onde juramos nos encontrar qualquer dia, onde nos amamos, e onde estou agora".

Ainda lembro como era alva sua pele, como eram doces os seus lábios, e como batia forte o meu coração. Jovens amantes, sonhos eternos, juras, enfim...A vida nos pregou uma peça, algo nunca visto antes em nenhum romance *Machadiano* ou até mesmo na literatura inglesa. Jamais imaginado, jamais vivido.

De repente, me vejo ao seu lado, nessa mesma árvore, onde estou agora, há muitos anos atrás, quando ainda se acreditava em contos de fadas, em encantos, magias, porque não dizer no próprio amor. Sentimento tão esquecido, no corre-corre da vida agitada, dos *megabytes*, das ondas sonoras, dos *spams*, dos automóveis, dos celulares. Meu Deus, quanta perturbação essa vida moderna nos causa!

E, aqui nesse canto de árvore, onde fomos felizes, onde havia o silêncio. Hoje, tenho que desligar o celular. Naquela época, éramos nós e os pássaros, e por que não dizer, nossos corações. Era sempre primavera, mesmo sentindo que ao teu lado, meu corpo ebulia, minhas mãos suavam. Embaixo dessa árvore, onde estamos agora, havia apenas o bosque, antítese do que vejo agora. Têm pessoas correndo em nossa volta, caminhando, sequer prestaram atenção nos nossos nomes cravados em nossa amiga milenar, que tanta coisa já viveu, que muitos mundos presenciou, que tantos romances fez e desfez. Aqui sentado contemplo sua perpétua existência sobre nós.

Imagine, minha querida, o quanto eu andei para estar aqui, pois sabia que, neste lugar, seria o nosso reencontro, o nosso recomeço. Para cumprir, assim como você, a promessa de selarmos o nosso eterno amor, tendo como testemunha a nossa amiga, que por tantos anos te cobriu com a sua vasta sombra. Que bom encontrá-la tão protegida, e que inveja sinto de você, sabendo que há tanto tempo escutas esses belos pássaros, mesmo com toda a agitação que vem lá de fora. Que pena que sob essa árvore seus olhos estão fechados e nunca hão de abrir.

| Dona Maria!

Numa tarde chuvosa de sexta-feira, estávamos tomando café na cozinha, hábito corriqueiro em nossa família, onde nos reuníamos para falarmos de tudo um pouco.

A rua onde morávamos era sempre animada, as pessoas costumavam sentar-se à calçada para jogar conversa fora, paquerar, ou apenas ficar olhando o movimento rotineiro dos carros.

Era comum, mulheres, crianças, idosos, passando à nossa porta, pedindo um prato de refeição, uma fruta, pão, roupas, enfim...

Sempre havia barulho de gente conversando, de crianças correndo, carros passando; tudo isso se misturava à nossa conversa de final de tarde, acompanhada de café com pão fresquinho, que eu tinha acabado de comprar na bodega de seu Antonio.

Lembro, ainda, que a mesa era grande, de imbuia, resistente ao tempo e a tantas gerações. A nossa casa, tinha um corredor enorme, estreito que ia da sala à cozinha, passando por três quartos e um lavabo. O piso ainda era vermelho, de cerâmica portuguesa. No corredor havia duas janelas grandes, que me metiam medo, sempre que ia escurecendo passar por entre elas, para mim era um tormento. Causava-me pânico. Coisas de menina.

A nossa sala já dava para a porta da rua. Onde tinha um batente, palco de tantas conversas. Quem passava na calçada, era instintivamente convidado a olhar para dentro de casa, coisa que me incomodava, e muito. Porém, da nossa cozinha, onde estávamos saboreando o café, não dava para enxergar a porta.

Então, enquanto conversávamos, fomos interrompidas por alguém chamando por D. Maria, porém, continuamos sentadas, enquanto o sujeito ia pedindo sem parar.

D. Maria, a senhora tem um pedacinho de pão? E nós, em coro, respondíamos, tem não! Estávamos, eu, minha mãe e minha tia à mesa. O sujeito perguntou mais uma vez. D. Maria, tem uma bananinha? E nós, mais uma vez, dissemos, que não! E continuamos tomando o café.

Mais uma vez:

- D. Maria, a senhora tem um biscoitinho? Tem não!!!

De repente, fez-se silêncio. Pensávamos que o sujeito já havia ido embora, quando, de repente, ouvimos a voz novamente:

- Ô D. Maria, a senhora pode vir aqui?

Rapidamente nos levantamos e fomos as três em direção àquele pedinte. Rapazola franzino, uns catorze anos, mulato, blusa, calção, chinelinho de dedo e uma sacola na mão, contendo alguns pães.

Encostamos as três na porta sem entender bem o que o moleque queria. Minha mãe foi logo dizendo:

- Diga o que é, meu filho?

O moleque, com jeito humilde e sorriso faceiro, disse-nos, estendendo a mão que continha a sacola com alguns pães:

- Tomem esses "pãozinho" pra vocês tomarem café, porque pelo que tô vendo, vocês tão pior do que eu...



| Ser ou não ser



Há muito me questiono se realmente quero ser professora. Bem, é até engraçado, esse tipo de indagação quando me vejo no último ano do curso de Letras. Mas o que seria do aprendizado, da evolução se não fossem os questionamentos. Enfim, o que seria de *Hamlet* se não tivesse proferido a célebre frase: "ser ou não ser"? No entanto, essas são apenas algumas das perguntas que ao longo dos anos vão obtendo as respostas devidas.

Na verdade, tenho certa experiência em sala de aula, digamos de passagem, um tanto frustrante, mas são os ócios do ofício, ou melhor, quase roí os ossos do cachorro, porque foram três meses sem receber um mísero tostão (desculpem o exagero), mas é a pura realidade de nossas escolas, "Pátria Amada" brasileiras!

Sempre haverá escolas e sempre haverão alunos, pois alguém tem que aprender e por outro lado, alguém deve ensinar. Mas ensinar sem um incentivo ($$), é estressante para qualquer um, principalmente quando se abre a pasta pra pegar o giz e se depara com um monte de contas. Alguém aí, por exemplo, você, meu caro leitor, tem idéia do que existe na bolsa de um professor? Seja homem ou mulher, e se for mulher então, já dá pra se ter uma vaga noção (sem exageros). Vamos enumerar algumas coisas que podem e com certeza têm em suas bolsas (e na minha também). Se ainda for aluna, além de provas e trabalhos para corrigir, iremos encontrar apostilhas, que na maioria das vezes nunca serão lidas por completo, não preciso nem citar os motivos. Devo estar esquecendo algo. Sim, as contas do cartão de crédito universitário, porque estudante que se preze tem um cartão de crédito universitário, a menos que o já tenha perdido para o SPC.

Mas, nem precisa se preocupar tanto, em cinco anos esse problema será resolvido.

E se, o professor-aluno, já tiver se livrado da universidade, tiremos as apostilhas, mas as provas e os trabalhos para corrigir continuam, e, as velhas contas, essas nunca saem.

E assim, o professor vai vivendo. Lecionando em mil escolas, pra ver se o salário passa dos mil reais, e sobra um dinheirinho extra no final do mês.

Mas, em meio a tantas tormentas, conseguimos extrair algumas lições importantes de tudo isso: "ah, se eu tivesse estudado mais, tinha passado pra Direito". Brincadeira! Calma...

Na verdade, de tudo tiramos lições, dentre elas, é que nem sempre o que aprendemos na Universidade podemos aplicar em sala de aula, isso implicaria mudar um sistema já "viciado" em algumas práticas de ensino arcaica. Em lutar contra outros tantos que não querem mudar nada, pois estão prestes a se aposentar, e os que estão chegando que se virem.

A realidade é que muitos ainda fazem reverência (não confundir com referência) ao livro didático como única fonte de saber e de visão de mundo. Enquanto isso, nos bancos acadêmicos, aprendemos que devemos tornar os nossos alunos leitores críticos e conscientes do mundo ao qual fazem parte.

Mas, se a escola me joga um livro didático, muitas vezes com questões e exemplos bem diferentes da realidade do nosso alunado, o que devo fazer?

De novo, outra pergunta.

Alguém sabe a resposta?

Ou prefere ficar comendo a maçã?

| Do que você tem medo?

Engraçado como esse sentimento permeia a vida do ser humano, desde o seu nascimento até o dia da sua morte. Acho que quase todo mundo tem medo de morrer, medo do desconhecido, porque ninguém, depois dela, ficou vivo pra dizer como é do outro lado (comentário meio sem graça, mas preciso).

A criança tem medo do escuro, do bicho-papão, de altura, de ficar sozinho e de tantas coisas mais; nós, adultos somos mais medrosos ainda, porque metemos medo nas pobres criancinhas, cantando o "boi da cara preta" e nem nos damos conta, muitas vezes, nos traumas que estamos causando nas almas infantes. Coitados, enquanto cantamos tão displicentemente, eles estão nos olhando com os olhos arregalados, quiçá o que estão imaginando.

Enquanto fazemos isso, esquecemos que também temos nossos receios, medo de coisas tão simples para uma criança, como o ato de amar alguém. O que, para elas, parece natural, para nós, muitas vezes se torna um turbilhão de incertezas recheado de insegurança, palavras sinônimas para enfatizar o quão covarde nos tornamos diante do amor.

A criança segura firme a mão do adulto procurando segurança, conforto e apoio na sua jornada, mesmo que seja ela, tão curta quanto atravessar para o outro lado da rua. Enquanto, nós adultos, pobres crianças crescidas, temos medo de segurar a mão de alguém, procurando apoio, procurando descanso para nossa alma.

A criança ama com a alma, com a pureza de uma rosa, não repara nunca que ela tem espinhos, porque dela, só absorve o seu perfume.

O adulto, eu e você, esquecemos o perfume e só vemos o espinho; talvez isso aconteça porque o espinho deixa cicatrizes, marcas profundas se não a manusearmos direito. E de ímpeto, o que acontece? Largamos a rosa subitamente porque ela nos machucou, causou um ferimento, que muitas vezes não nos é esperado. Assim, ela se despedaça ao chão, enquanto seguimos em frente tentando nos livrar da dor. Algumas são até pisadas.

Vejo o amor dessa forma.

Mas qual a rosa que não tem espinhos? Qual o amor que não causa dor? É contraditório dizer tais palavras.

E o medo, onde fica? Acho que fica, em voltar atrás, cuidar da rosa e conviver com seus espinhos.

Cuidar com zelo e regar todos os dias, para que ela floresça exalando mais perfume do que causando dor.

É assim que uma criança faria, porque elas nunca desistem de nada, mesmo que tenha que remendar. Você já viu uma criança jogar fora a sua boneca porque ela está sem braços ou despenteada? Ou jogar fora um carrinho porque está sem rodas?

Isso é pouco provável, até mesmo impossível.

O medo de tentar nos torna covarde, porque damos mais importância no que os outros vão pensar do que aos nossos próprios sentimentos.

É a visão das pessoas alheias, aos nossos sentimentos, o bicho-papão da criança interior que há em cada um de nós. Por isso, abra bem seus olhos, pois eles são as janelas da alma.

A alma de criança.

Criança que ama com a alma.





Versos Expressos
Poesias & etc
Mirtes Waleska Sulpino
janeiro de 2008
http://versosexpressos.blog.terra.com.br



Rg Gráfica e Editora
Rua Manoel de Freitas Ramos, 201
Jardim Paulistano Campina Grande PB.
Rgeditora@terra.com.br